

GUIÃO PEDAGÓGICO

SARDOAL

(Guião 38)

PROGRAMA DE VISITAS DE ESTUDO

Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo



MÉDIO TEJO
COMUNIDADE
INTERMUNICIPAL

Cofinanciado por:

CENTRO 2020

PORTUGAL
2020



UNIAO EUROPEIA
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

Apresentação

A Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo (**CIMT**) determinou no seu *Plano Estratégico de Desenvolvimento Intermunicipal da Educação* (PEDIME) um conjunto de medidas que, através da Educação, concorrem para a *coesão sustentável do território*.

Para responder ao *Programa de Visitas de Estudo*, medida integrada no PEDIME, e ao encontro da promoção da cultura científica, das artes e das competências metacognitivas (desenvolvimento de maneiras de pensar os problemas), estabeleceu como ação estratégica a construção de um conjunto de guiões pedagógicos de apoio a visitas de estudo.

O traço estruturante deste projeto foi a conexão entre *património*, *currículo* e *visitas de estudo*. A criação de 45 guiões pedagógicos, direcionados à planificação curricular e didática de visitas de estudo, foi organizada pelo CICS.NOVA e uma equipa de professores/investigadores, em articulação com a área da Educação, Cultura e Turismo dos Municípios e Agrupamentos que integram a CIMT e serviços educativos dos espaços.

A metodologia desenvolvida procurou promover a capacidade de *mobilização de conhecimento para a resolução de problemas* ou para o desenvolvimento de projetos que, partindo do contexto geográfico e cultural, possam conduzir o(a) aluno(a) a consolidar e a desenvolver os seus conhecimentos, bem como o desenvolvimento de competências sociais, cognitivas e metacognitivas.

Fomentar momentos de debate, reflexão conjunta, de configuração de soluções às problemáticas apresentadas fizeram parte dos objetivos deste projeto que alia a descoberta à criação e que *promove o conhecimento sobre o território da CIMT* como espaço de aprendizagem científica e cultural e o desenvolvimento do que poderemos designar por turismo escolar e *valorização de diferentes tipos de património*, tendo como público não só as escolas e agrupamentos de escolas da região, mas igualmente do resto do país.

Metodologia¹

Diversos estudos sobre o papel das visitas de estudo na educação apontam para a sua prática pedagógica como uma estratégia que promove o *desenvolvimento de competências intersociais e científicas e potencia as aprendizagens de diferentes áreas disciplinares*.

Partindo das perspetivas de currículo integrado questionou-se sobre **como planificar curricular e didaticamente visitas de estudo**.

A *integração curricular*, na prática, começa com a identificação de questões, temas organizacionais, unidades temáticas ou núcleos de experiências perante a aprendizagem. Assim, a estratégia metodológica privilegiada na construção destes guiões considerou uma aprendizagem baseada em problemas, formulados a partir do questionamento dos espaços a visitar, considerando os conteúdos curriculares do ensino básico e a metodologia de projeto, com a proposta de construção de um **portefólio de aprendizagens**.

A planificação *didática da visita de estudo* foi organizada segundo os pressupostos:

- **Validade** – atende à articulação entre espaço e currículo.
- **Utilidade** – compreende a oportunidade de explorar os conteúdos curriculares em novos ambientes educativos, catalisadores na mobilização de competências para a resolução de problemas.
- **Significação** – considera as experiências vivenciadas pelos(as) aluno(as) e está por isso associada à ligação entre o conhecido, o vivenciado e a novidade.
- **Adequação** - contabiliza o desenvolvimento integral de todos os(as) alunos(as) de acordo com os documentos curriculares, normativos.
- **Flexibilidade** - determina relações interdisciplinares, num ambiente pluri/multidisciplinar.
- **Avaliação** - atende à construção de instrumentos de monitorização e avaliação das aprendizagens, em articulação com os procedimentos organizacionais de autoavaliação e avaliação externa.

Os 45 guiões pedagógicos organizados constituem-se referências num *plano de desenvolvimento curricular de nível meso* e propõem práticas curriculares situadas sobre a intervenção didática, contextualizada e integrada,

¹ Organizada pela equipa científica.

mas a adaptar aos documentos internos que regem a ação educativa de cada agrupamento de escolas.

Espaço

A definição dos espaços reconhece uma análise prévia construída a partir de códigos reflexivos e de *carácter patrimonial, identitário e científico*.

Problemática

A problemática é desenvolvida tendo em conta o espaço e os conteúdos curriculares/programáticos das diferentes componentes ou área disciplinar/disciplina. Na problemática pode existir uma ou mais *questões nucleares* que orientam a construção do guião. A exploração da problemática deve contribuir para uma *melhor compreensão dos desafios locais/regionais*, impacto nacional e também pode conduzir a um projeto de valorização ou *intervenção pelo desenvolvimento sustentável da região*.

Conhecimentos e Competências

Partindo dos documentos curriculares, nomeadamente as aprendizagens essenciais e perfil do aluno, determinam-se os ciclos, anos de escolaridade, conhecimentos e respetivas competências, que de forma horizontal ou vertical promovem a interdisciplinaridade, nos processos e produtos da aprendizagem.

Fases da Visita de Estudo

Os guiões de visitas de estudo procuram potenciar as maneiras de pensar do(a) aluno(a) ao longo dos diferentes momentos, numa perspetiva investigativa. A partir da problemática definida, sugere-se a promoção da relação investigador/objeto, bem como a reflexão sobre a finalidade da atividade científica e a intencionalidade da aprendizagem.

Antes da visita de estudo

Construir a contextualização histórica sobre o espaço e as atividades a desenvolver com os(as) alunos(as) para a exploração da problemática, considerando e adaptando às diferentes componentes ou área disciplinar/disciplina. Fomentar, igualmente, a criação de hipóteses. Neste momento, estabelece-se o protocolo de preparação da saída e trabalho de campo, em articulação com o espaço, definindo a realização de uma visita guiada ou autónoma.

Durante a visita de estudo

Aplicar o protocolo de recolha de dados segundo os materiais didáticos/pedagógicos e instrumentais construídos, adaptado às diferentes componentes ou área disciplinar/disciplina e à tipologia de visita de estudo.

Após a visita de estudo

Implementar atividades que orientem os alunos a organizarem e a integrarem a aprendizagem efetuada antes e durante a visita, de modo a responderem à problemática de partida. Promover a divulgação das conclusões e recomendações da problemática estudada à comunidade. Finalizar o portefólio.

Avaliação

Portefólio, autoavaliação, entre outros instrumentos a definir pelo grupo de professores (as).

Oportunidades/Possibilidades do Guião-tipo:

- Reconfigurar o espaço e outros conhecimentos e competências.
- Promover a articulação entre guiões.
- Organizar outras problemáticas sobre o mesmo espaço, ou novos espaços para uma mesma problemática.

Referências:

- Anderson, D. M. (2013). Overarching goals, values, and assumptions of integrated curriculum design. *SCHOLE: A Journal of Leisure Studies and Recreation Education*, 28(1), 1-10
- Beane, J. A. (2016). *Curriculum integration: designing the core of democratic education*. New York: Teachers College Press.
- Behrendt, M., & Franklin, T. (2014). A review of research on school field trips and their value in education. *International Journal of Environment and Science Education*, 9, 235-245
- Chun, M. S., Kang, K. I., Kim, Y. H., & Kim, Y. M. (2015). Theme-Based Project Learning: Design and Application of Convergent Science Experiments. *Universal Journal of Educational Research*, 3(11), 937-942
- Dewitt, J. & Storksdieck, M. (2008). A Short Review of School Field Trips: Key Findings from the Past and Implications for the Future. *Visitor Studies*, 11(2), 181-197
- Pombo, O., Guimarães, H. M. & Levy, T. (1994). *Interdisciplinaridade: reflexão e experiência*. Coleção Educação Hoje. Lisboa: Texto Editora.
- Pombo, O., Guimarães, H. M. & Levy, T. (Org) (2006). *Interdisciplinaridade: Antologia*. Coleção Campo das Ciências. Porto: Campo das Letras.
- Rennie, L. J. (2007). Learning science outside of school. In N. Lederman & S. Abel (Eds.), *Handbook of research on science education*, 125-167. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Roldão, M.C. & Almeida, S. (2018). *Gestão Curricular - Para a Autonomia das Escolas e Professores*. Coleção Autonomia e Flexibilidade Curricular. Lisboa: DGE.
- Savery, J. R. (2015). Overview of problem-based learning: Definitions and distinctions. Essential readings in *Problem-based learning: Exploring and extending the legacy of Howard S. Barrows*, 9, 5-15
- Savin-Baden, M., & Major, C. (2004). *Foundations of problem-based learning*. Maidenhead, UK: Open University Press.



GUIÃO PEDAGÓGICO

SARDOAL

VISITA DE ESTUDO:

**CENTRO MUSEOLÓGICO ARTELINHO – VIVER A TRADIÇÃO
MOINHOS DE VENTO DE ENTREVINHAS**



MÉDIO TEJO
COMUNIDADES
INTERMUNICIPAIS

Cofinanciado por:

CENTRO 2020

PORTUGAL 2020





Centro Museológico Artelinho – Viver a Tradição

Moinhos de Vento de Entrevinhas

CONTACTOS

CENTRO MUSEOLÓGICO ARTELINHO

Morada: Rua Portela de Vez – Santa Clara, Alcaravela

Telefone: +351 241 855 768

CÂMARA MUNICIPAL DO SARDOAL – POSTO DE TURISMO

Morada: Praça da República, 2230-222 Sardoal

Telefone: +351 241 851 498

Email: turismo@cm-sardoal.pt

Website: turismo.cm-sardoal.pt

SINOPSE

A visita ao Centro Museológico Artelinho – Viver a Tradição e aos Moinhos de Vento de Entrevinhas pretende promover maior reflexão sobre a relevância de algumas artes e ofícios tradicionais, como se podem preservar, se poderão constituir-se como nichos de desenvolvimento económico regional e que processos se poderão utilizar para esse progresso.

No 1.º CEB trabalham-se conteúdos e desenvolvem-se competências de Estudo do Meio, Português, Matemática e Educação Artística – Artes Visuais; no 2.º CEB sugere-se o trabalho conjunto entre História e Geografia de Portugal, Português, Educação Visual, Ciências Naturais e Educação Tecnológica e, no 3.º CEB, entre História, Português, Ciências Naturais, Físico-Química, Geografia, Matemática e Educação Visual.

Propõem-se algumas atividades, nomeadamente a recolha documental, a seleção de testemunhos orais, a elaboração de trabalhos sobre as temáticas da confeção artesanal de artigos de linho, de cestaria e produtos de vime, do fabrico artesanal do pão e, também, sobre o funcionamento dos moinhos de vento. Um dos objetivos é perceber que a reabilitação das artes e ofícios tradicionais é fundamental para a conservação do património material e imaterial das comunidades. Conhecer os materiais, as técnicas, os gestos e os saberes é, não só, compreender modos de vida e processos de resistência quotidiana mas, também, refletir fundamentadamente sobre eventuais processos de transformação dessas artes e ofícios tradicionais em ocupações profissionais futuras.

PROBLEMÁTICA

Como preservar as artes e os ofícios tradicionais, as memórias dos gestos e dos saberes?

CONHECIMENTOS E COMPETÊNCIAS

Indicar conhecimentos e competências por área disciplinar/disciplina, de acordo com os documentos curriculares de referência, nomeadamente as aprendizagens essenciais e perfil do aluno, para maior articulação (horizontal ou vertical).

1.º CEB	
Conhecimentos	Competências
Estudo do Meio 1.º CEB - Sociedade - Tecnologia - Sociedade/Natureza/Tecnologia	- Relacionar instituições e serviços que contribuem para o bem-estar das populações com as respetivas atividades e funções; reconhecer as múltiplas pertenças de cada pessoa a diferentes grupos e comunidades. (1.º e 2.º Anos) - Reconhecer a importância da evolução tecnológica para a evolução da sociedade, relacionando objetos, equipamentos e soluções tecnológicas com diferentes necessidades e problemas do quotidiano (previsão/mitigação da ocorrência de catástrofes naturais e tecnológicas, saúde, telecomunicações, transportes, etc.); produzir soluções tecnológicas através da reutilização ou reciclagem de materiais (catavento). (3.º e 4.º Anos) - Reconhecer a existência de bens comuns à humanidade (água, ar, solo, etc.) e a necessidade da sua preservação; saber colocar questões sobre problemas ambientais existentes na localidade onde vive, nomeadamente relacionados com a água, a energia, os resíduos, o ar, os solos, apresentando propostas de intervenção. (1.º e 2.º Anos) Relacionar o aumento da população mundial e do consumo de bens com alterações na qualidade do ambiente, reconhecendo a necessidade de adotar medidas individuais e coletivas que minimizem o impacto negativo. (3.º e 4.º Anos)
Português 1.º CEB - Oralidade - Leitura - Escrita	- Selecionar informação relevante em função dos objetivos de escuta e registá-la por meio de técnicas diversas. (1.º CEB) Formular perguntas, pedidos e respostas a questões considerando a situação e o interlocutor. (1.º e 2.º Anos) Participar com empenho em atividades de expressão oral orientada, respeitando regras e papéis específicos; realizar exposições breves, a

1.º CEB	
Conhecimentos	Competências
	partir de planificação; usar a palavra para exprimir opiniões e partilhar ideias. (3.º e 4.º Anos) - Compreender o sentido de textos com características narrativas e descritivas, associados a finalidades diferentes (lúdicas, estéticas, informativas); mobilizar as suas experiências e saberes no processo de construção de sentidos do texto. (1.º e 2.º Anos) Ler textos com características narrativas e descritivas de maior complexidade, associados a finalidades várias e em suportes variados; fazer uma leitura fluente e segura, que evidencie a compreensão do sentido dos textos; mobilizar experiências e saberes no processo de construção de sentidos do texto. (3.º e 4.º Anos) - Escrever textos curtos com diversas finalidades (narrar, informar, explicar); redigir textos coerentes e coesos com recurso a elementos como a concordância entre constituintes, a correlação de tempos verbais, a sinonímia e a pronominalização; proceder à revisão de texto, individualmente ou em grupo após discussão de diferentes pontos de vista. (1.º e 2.º Anos) Escrever relatos (com situação inicial, peripécias e conclusão), com descrição e relato do discurso das personagens, representado por meio de discurso direto e de discurso indireto; utilizar processos de planificação, textualização e revisão, realizados de modo individual e/ou em grupo; redigir textos com utilização correta das formas de representação escrita (grafia, pontuação e translineação, configuração gráfica e sinais auxiliares da escrita); escrever textos, organizados em parágrafos, coesos, coerentes e adequados às convenções de representação gráfica. (3.º e 4.º Anos)
Matemática 1.º CEB - Geometria e Medida	- Identificar e comparar sólidos geométricos, reconhecendo semelhanças e diferenças, e identificando polígonos (triângulos, quadrados, retângulos, pentágonos e hexágonos) e círculos nesses sólidos; descrever figuras planas, identificando as suas propriedades, e representá-las a partir de atributos especificados; compor e decompor figuras planas, a partir de figuras dadas, identificando atributos que se mantêm ou que se alteram nas figuras construídas; comparar e ordenar objetos de acordo com diferentes grandezas (comprimento, massa, capacidade e área) identificando e utilizando unidades de medida convencionais e não convencionais; conceber e aplicar estratégias na resolução de problemas

1.º CEB	
Conhecimentos	Competências
	envolvendo a visualização e a medida em contextos matemáticos e não matemáticos, e avaliar a plausibilidade dos resultados. (1.º e 2.º Anos) Desenhar e descrever a posição de polígonos (triângulos, quadrados, retângulos, pentágonos e hexágonos) recorrendo a coordenadas, em gre-lhas quadriculadas; identificar ângulos em polígonos e distinguir diversos tipos de ângulos (reto, agudo, obtuso, raso); identificar propriedades de figuras planas e de sólidos geométricos e fazer classificações, justificando os critérios utilizados; medir comprimentos, áreas, volumes, capacidades e massas, utilizando e relacionando as unidades de medida do SI e fazer estimativas de medidas, em contextos diversos; conceber e aplicar estratégias na resolução de problemas envolvendo grandezas e propriedades das figuras geométricas no plano e no espaço, em contextos matemáticos e não matemáticos, e avaliar a plausibilidade dos resultados. (3.º e 4.º Anos)
Educação Artística – Artes Visuais 1.º CEB - Apropriação e reflexão - Experimentação e criação	- Observar o universo visual do património local; mobilizar a linguagem elementar das artes visuais (cor, forma, linha, textura, padrão, proporção e desproporção, plano, luz, espaço, volume, movimento, ritmo, matéria, entre outros). - Integrar a linguagem das artes visuais, assim como várias técnicas de expressão nas suas experimentações; escolher técnicas e materiais de acordo com a intenção expressiva das suas produções plásticas; manifestar capacidades expressivas e criativas nas suas produções plásticas, evidenciando os conhecimentos adquiridos.

2.º CEB	
Conhecimentos	Competências
História e Geografia de Portugal 6.º Ano - Os lugares onde vivíamos. Os lugares onde vivemos	- Analisar a distribuição de diferentes fenómenos relacionados com as áreas de fixação humana usando terminologia geográfica apropriada. - Comparar o espaço rural com o espaço urbano, em Portugal, enunciando diferenças ao nível das atividades económicas, ocupação dos tempos livres, tipo de construções e modos de vida. - Elaborar pesquisas documentais sobre problemas da vida quotidiana (por exemplo: pobreza, envelhecimento, despovoamento, etc.) das áreas rurais em Portugal, à escala local. - Descrever as relações de complementaridade e interdependência entre diferentes lugares e

2.º CEB	
Conhecimentos	Competências
	regiões do território à escala local e nacional.
Português 6.º Ano - Oralidade - Leitura - Escrita	- Distinguir factos de opiniões na explicitação de argumentos. - Fazer uma apresentação oral, devidamente estruturada, sobre um tema. - Explicitar o sentido global de um texto. - Fazer inferências, justificando-as. - Utilizar procedimentos de registo e tratamento de informação. - Redigir textos de âmbito escolar, como a exposição e o resumo. - Produzir textos de opinião com juízos de valor sobre situações vividas e sobre leituras feitas.
Educação Visual 6.º Ano - Apropriação e reflexão - Experimentação e criação	- Identificar diferentes manifestações culturais do património; reconhecer a tipologia e a função do objeto de arte, design, arquitetura e artesanato de acordo com os contextos históricos, geográficos e culturais. - Utilizar diferentes materiais e suportes para realização dos seus trabalhos; reconhecer o quotidiano como um potencial criativo para a construção de ideias, mobilizando as várias etapas do processo artístico (pesquisa, investigação, experimentação e reflexão); inventar soluções para a resolução de problemas no processo de produção artística.
Ciências Naturais 6.º Ano - Processos vitais comuns aos seres vivos	- Elaborar algumas ementas equilibradas e discutir os riscos e os benefícios dos alimentos para a saúde humana. - Discutir a importância da ciência e da tecnologia na evolução dos produtos alimentares, articulando com saberes de outras disciplinas.
Educação Tecnológica 6.º Ano - Processos tecnológicos	- Identificar e representar as necessidades e oportunidades tecnológicas decorrentes da observação e investigação de contextos sociais e comunitários; comunicar, através do desenho, formas de representação gráfica das ideias e soluções, utilizando: esquemas, codificações e simbologias, assim como meios digitais com ferramentas de modelação e representação; diferenciar modos de produção (artesanal, industrial), analisando os fatores de desenvolvimento tecnológico; compreender a importância dos objetos técnicos face às necessidades humanas.

3.º CEB	
Conhecimentos	Competências
História 9.º Ano - Portugal, do autoritarismo à democracia - Características do mundo rural	- Distinguir ciclos de estagnação e de desenvolvimento económico (atraso do mundo rural e movimento migratório, medidas de fomento industrial e abertura a capitais estrangeiros). - A relevância de alguns ofícios tradicionais para o desenvolvimento da economia.
Português 9.º Ano - Oralidade - Leitura - Escrita	- Fazer exposições orais para apresentação de temas, ideias, opiniões e apreciações críticas. - Intervir em debates com sistematização de informação e contributos pertinentes. - Argumentar para defender e/ou refutar posições, conclusões ou propostas, em situações de debate de diversos pontos de vista. - Explicitar o sentido global de um texto. - Identificar temas, ideias principais, pontos de vista, causas e efeitos, factos e opiniões. - Reconhecer a forma como o texto está estruturado (diferentes partes e subpartes). - Compreender a utilização de recursos expressivos para a construção de sentido do texto. - Expressar, de forma fundamentada, pontos de vista e apreciações críticas motivadas pelos textos lidos. - Elaborar textos de natureza argumentativa de géneros como: comentário, crítica, artigo de opinião. - Elaborar resumos (para finalidades diversificadas). - Escrever com correção ortográfica e sintática, com vocabulário diversificado e uso correto dos sinais de pontuação. - Reformular o texto de forma adequada, mobilizando os conhecimentos de revisão de texto. - Respeitar princípios do trabalho intelectual como explicitação da bibliografia consultada de acordo com normas específicas.
Ciências Naturais 9.º Ano - Viver Melhor na Terra	- Relacionar a alimentação saudável com a prevenção de doenças da contemporaneidade, reconhecendo a importância da dieta mediterrânica na promoção da saúde.
Físico-Química 9.º Ano - Forças, movimentos e energia	- Analisar diversas formas de energia usadas no dia a dia, a partir dos dois tipos fundamentais de energia: potencial e cinética. - Concluir sobre transformações de energia po-

3.º CEB	
Conhecimentos	Competências
	tencial gravítica em cinética, e vice-versa, no movimento de um corpo sobre a ação da força gravítica. - Concluir que é possível transferir energia entre sistemas através da atuação de forças.
Geografia 8.º Ano - Atividades económicas	- Identificar as principais atividades económicas da comunidade local, recorrendo ao trabalho de campo. - Caracterizar os principais processos de produção e equacionar a sua sustentabilidade (extração mineira, agricultura, pecuária, silvicultura, pesca, indústria, comércio, serviços e turismo).
Matemática 8.º e 9.º Anos Geometria e Medida - Figuras Geométricas - Áreas e Volumes	- Construir quadriláteros a partir de condições dadas e recorrendo a instrumentos apropriados, incluindo os de tecnologia digital. - Reconhecer o significado de fórmulas para o cálculo de áreas da superfície e de volumes de sólidos, incluindo pirâmides e cones, e usá-las na resolução de problemas em contextos matemáticos e não matemáticos. - Analisar figuras geométricas planas e tridimensionais, incluindo a circunferência, o círculo e a esfera, identificando propriedades relativas a essas figuras, e classificá-las de acordo com essas propriedades.
Educação Visual 8.º e 9.º Anos - Apropriação e reflexão - Experimentação e criação	- Refletir sobre as manifestações culturais do património local. - Manifestar expressividade nos seus trabalhos, selecionando, de forma intencional, conceitos, temáticas, materiais, suportes e técnicas; organizar exposições em diferentes formatos – físicos e/ou digitais, individuais ou de grupo, selecionando trabalhos tendo por base os processos de análise, síntese e comparação, que conjugam as noções de composição e de harmonia, de acordo com o objetivo escolhido/proposto.

COMPETÊNCIAS TRANSVERSAIS

(Perfil do Aluno)

- Discutir conceitos ou factos, articular saberes numa perspetiva disciplinar e interdisciplinar.
- Desenvolver a capacidade e o gosto pela pesquisa, a aptidão e a predisposição para procurar, selecionar e organizar informação em vários suportes e contextos.
- Interpretar problemáticas do meio com base em conhecimentos adquiridos, aplicando-os em diferentes contextos.
- Interpretar dados expressos em tabelas, gráficos e figuras.
- Desenvolver raciocínio e resolução de problemas.
- Reconhecer que a ciência, a tecnologia e a sociedade estabelecem relações de interdependência entre si.
- Desenvolver o saber científico técnico e tecnológico.
- Utilizar diversas linguagens e processos narrativos.
- Valorizar diferentes tipos de património.
- Analisar factos e situações, selecionando elementos ou dados históricos.
- Debater por domínios a conceção de cidadania ativa (desenvolvimento sustentável, educação ambiental, empreendedorismo, instituições e participação democrática, literacia financeira, risco).
- Desenvolver a sensibilidade estética e artística, despertando, o gosto pela apreciação e fruição das diferentes circunstâncias culturais.
- Utilizar as tecnologias da informação e comunicação e a biblioteca escolar para maior autonomia na realização das aprendizagens curriculares, de natureza recreativa, cívica e cultural.
- Mobilizar as TIC e as TIG para representar diferentes tipos de informação.
- Adquirir hábitos e métodos de estudo e de trabalho que promovam o tratamento da informação, a comunicação, a construção de estratégias cognitivas e o relacionamento interpessoal ou de grupo.
- Participar responsabilmente, com espírito de iniciativa e autonomia.
- Pensar crítica, reflexiva e criativamente a realidade, dotado de literacia cultural, científica e tecnológica, que lhe permita analisar, questionar e avaliar a informação, formular hipóteses e tomar decisões fundamentadas no seu dia-a-dia.
- Respeitar-se a si mesmo e ser solidário com os outros.
- Aspirar ao trabalho bem feito, ao rigor e à superação, ser perseverante, resiliente perante as dificuldades.
- Formular questões e hipóteses, fazer inferências, comprovar resultados e saber comunicá-los, reconhecendo como se constrói o conhecimento.

FASES DA VISITA DE ESTUDO

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.

As artes e ofícios tradicionais têm vindo a ser reabilitadas, sobretudo desde a década de oitenta do século XX, também porque permitem recuperar e conservar memórias, porque são exemplos do que se pode considerar como património imaterial das comunidades e contribuem para um conhecimento mais aprofundado das mesmas. Como referem Luís e Figueira (2017, p. 351), “os artesãos criam patrimónios e fixam materialmente o gesto e o saber-fazer no seu território, construindo vivências de pessoas e de civilizações. Portugal possui um património rico na área do artesanato e a tradição alia-se a novas tendências, nacionais e europeias, modernizando-se”.

As artes do linho (“Artelinho”), dos bordados e da cestaria, por um lado, e as artes de fazer pão e doçaria em forno de lenha, por outro, são sobretudo manifestações do património cultural imaterial. Excetuando a cestaria, todas as outras estão ligadas tradicionalmente à mulher, aos trabalhos que estas executavam para além de muitos outros que faziam parte dos seus quotidianos.

A planta do linho já era cultivada no Egito Antigo e na Península Ibérica pensa-se que data de aproximadamente 2500 anos a.C. Podem aproveitar-se as suas sementes para extrair o óleo que tem múltiplas utilizações, desde a medicina a acabamentos de marcenaria. E podem aproveitar-se os caules que constituem as fibras que passam por diversos processos até à fiação e à tecelagem: secagem, apodrecimento da parte externa do caule em água, lavagem e secagem, esmagamento e separação de fibras, o espadelamento e a cardação, de modo a separar ainda mais as fibras mais fortes e longas das mais finas e grosseiras (Figura 1). Aquele linho que é cardado é depois fiado e tecido.

A cestaria pode ser feita de madeira cortada em tiras finas, entrelaçadas, como é o caso dos cestos altos das vindimas, das canastras, cestos robustos para a lavoura, entre outros, mas também há o cesto redondo feito de vergas ou varas flexíveis de vime, salgueiro, entre outros, demolidas previamente e igualmente entrelaçadas com técnicas diferentes consoante o produto final que se pretende (Figura 2).



Figura 1. Fibras de linho já espadeladas que são assedadas num restelo e depois num seideiro (Fonte: Turismo Sardoal, 2019a).



Figura 2. Cesto de vime (Fonte: Turismo Sardoal, 2019a).

No caso do fabrico artesanal do pão (Figuras 3 e 4), destacam-se os seguintes aspetos:

O pão é o alimento por excelência. Daí que o discurso religioso e moral tenha feito dele um manjar sagrado, simbolizando o Bem (...). Nas suas várias qualidades, o pão é a fiel tradução das diferenças sociais. O consumido pelo povo era, em geral, o de pior qualidade. Na literatura (Júlio Dinis, D. João da Câmara ou Raul Brandão), o pão dos pobres é sempre referido como o «pão negro», negro pela cor e pelo trabalho árduo que exigia para ser adquirido. Pelo contrário, o pão comido pelas classes abastadas, ainda que com melhor aspeto e mais agradável ao paladar, tinha pouco valor nutritivo pelo facto de a farinha ser demasiado peneirada e de a cor branca ser obtida pela adição de substâncias nocivas, como o sulfato de zinco. A batata e a castanha, transformadas em farinha, foram em meados do século XX utilizadas como substituto do trigo. Na área atlântica (Minho, Douro Litoral e Beira Litoral) co-

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.

mia-se em geral broa (pão de milho); no interior, a norte do Tejo (...), fazia-se largo uso do pão de centeio (...); no Alentejo, Ribatejo e Estremadura predominava o pão de trigo, por vezes misturado com uma pequena porção de farinha de milho; no Algarve gastava-se pão de trigo e de centeio, em proporções mais ou menos iguais.

O uso do pão de milho sem mistura podia provocar desequilíbrios alimentares (...) e originar doenças graves como a pelagra (carência de vitamina PP), que afetaria (em 1930) perto de 1% da população pobre dos campos do Minho. De qualquer modo, o pão de milho agradava mais ao paladar da população minhota ou beirã, para além de se harmonizar melhor com os outros ingredientes, o caldo (de couve, feijão e azeite), o peixe (bacalhau e sardinha) e o toucinho. Depois da Segunda Guerra Mundial, generalizou-se o consumo de pão de trigo. (Cascão, 2011, pp. 64-65)

Relativamente à broa de milho, salientam-se os aspetos referidos na ficha de património imaterial da feitura da broa de milho (MatrizPCI, 2014):

O milho, nas suas mais diversas características, é um cereal cultivado desde tempos imemoriais. Utilizado na alimentação humana, reduzido a farinha e com ela confeccionando-se o pão, o milho não deixou, porém, de ser utilizado igualmente a nível doméstico, na alimentação animal. Hoje, a utilização do milho para forragem animal cresceu exponencialmente e, no Minho, a grande maioria do cultivo deste cereal reverte para este fim. Há, todavia, a nível doméstico e industrial, continuidade no emprego do milho para a feitura de pão: a Broa de Milho. (...) a cadeia operatória da broa obedece aos seguintes passos: seleção e limpeza das farinhas; amassadura; levedação; renovação do fermento; preparação do forno; enformamento; enformamento; cozedura; desenformamento; armazenamento e consumo. Em contexto alimentar, a Broa de Milho pode ser ingerida em qualquer altura do dia. Integra e acompanha todas as refeições e é, em termos nutritivos, um alimento de referência (estima-se que 100 gr de Broa de Milho representem cerca de 150/185 Kcal, sendo pobre em gorduras). É, a par de outros alimentos de origem vegetal, um dos componentes da Dieta Mediterrânica, possuindo grandes potencialidades a nível económico, social e regional. Na culinária, a Broa de Milho é elemento integrante de diversos pratos. O consumo da broa acontece, por isso, de uma forma vulgar mas também em alturas de maior exigência cerimonial, nas mais relevantes festas de família, etc.



Figura 3. Enformamento da broa (Fonte: MatrizPCI, 2014).



Figura 4. Pão no final da cozedura (Fonte: Turismo Sardoal, 2019a).

No caso da alimentação "o que se define então como nacional corresponde a práticas culinárias existentes no território português, algumas já há séculos ou milénios (a tríade mediterrânica do pão, azeite e vinho, a sardinha, o bacalhau, o uso do alho, a doçaria), o que não significa que sejam exclusivas ou autóctones de Portugal. A cozinha portuguesa é, como qualquer outra, um produto histórico, sendo tributária de outras" (Sobral & Rodrigues, 2013, p. 640).

Como refere Cascão (2011), "(...) outrora, a alimentação pesava muito mais no orçamento familiar do que hoje. Ainda era assim no meio do século XX, em especial nas duas maiores cidades. Os gastos com a alimentação absorviam então mais de metade dos recursos familiares. Vinham depois as rubricas relativas à habitação (cerca de 10%) e vestuário e calçado, com um pouco menos. Registe-se o baixo peso das despesas com a higiene (pessoal e doméstica), que não chegava a 2% do total" (p. 59) – Tabela 1.

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.

Tabela 1. Orçamento familiar no meio do século XX.

	Alimentação	Habitação	Vestuário e calçado	Combustíveis e eletricidade	Higiene	Diversos
Lisboa (1948-1949)	52,6%	11,1%	10,5%	4,2%	1,5%	20,1%
Porto (1950-1951)	62,6%	9,2%	8,1%	5,8%	1,9%	12,4%

Fonte: Cascão, 2011, p. 59

No Sardoaal, algumas das artes e ofícios tradicionais estão preservadas no Centro Museológico Artelinho – Viver a Tradição, por um lado, e no Núcleo de Moinhos de Vento de Entrevinhas, por outro. A respeito destes espaços, a página Turismo do Sardoaal (2019a,2019b) aponta o seguinte:

A ideia da Cooperativa Artelinho partiu do antigo Secretário de Estado da Agricultura, natural de Alcaçavela, Eng.º Domingos Gaspar. Fundada em 22 de março de 1989 foi o resultado do esforço de um grupo de 40 mulheres, tendo como principal objetivo preservar a cultura do linho promovendo a fixação de pessoas. A sua atividade está relacionada com a confeção artesanal de artigos de linho, bordados, cestaria e produtos em vime e, mais recentemente, com a confeção de produtos alimentares, como pão, tigeladas e bolos amassados, cozidos em forno de lenha.

Os Moinhos de Entrevinhas ficam no ponto mais alto da aldeia, com uma vista privilegiada. Do conjunto fazem parte quatro moinhos, tendo sido construídos nos finais do séc. XIX. Um dos moinhos possui um pequeno espaço temático com artefactos originais oferecidos pela família do último moleiro que ali laborou até ao verão de 1956, Tiago dos Santos Baptista. Os moinhos de vento da aldeia de Entrevinhas constituíram o mais importante núcleo de moinhos da região.

Dada a importância destes dois espaços no concelho do Sardoaal para a preservação das artes e dos ofícios tradicionais, sugere-se a realização de uma visita de estudo a estes locais. Para iniciação à exploração da problemática e associando a possibilidade de construção de um portefólio, sugerem-se algumas atividades a realizar antes da visita de estudo com os alunos dos diferentes ciclos do ensino básico, desde que devidamente adaptadas ao respetivo ano de escolaridade.

- A.1.** Fazer um levantamento das ideias prévias dos alunos sobre o que são atividades tradicionais.
- A.2.** Proceder a uma recolha documental sobre atividades tradicionais e sociais da região do Médio Tejo.
- A.3.** Recolher testemunhos orais e pesquisar sobre as principais diferenças das características da alimentação no tempo dos avós e na actualidade.
- A.4.** Perceber a relevância da utilização dos moinhos de vento.
- A.5.** Estudar a forma do moinho descrevendo os seus elementos constituintes e procurando dados que permitam estabelecer áreas e volumes das suas partes constituintes. Preparar instrumentos para recolha de dados reais durante a visita.
- A.6.** Refletir sobre como preservar as artes e os ofícios tradicionais, as memórias dos gestos e dos saberes, levando os alunos a formularem a problemática que orienta este guião.
- A.7.** Construir um portefólio físico ou digital com toda essa informação, devidamente organizada. Além da informação recolhida, sugerem-se pesquisas relacionadas com as seguintes temáticas, que podem ser investigadas por diferentes grupos de trabalho:
 - Fabrico artesanal do pão;
 - Confeção artesanal de artigos de linho;

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.

- Confeção artesanal de cestaria e produtos em vime;
- Modo de funcionamento de moinhos de vento.

A.8. Preparação e organização de materiais de apoio ao trabalho de campo (grelhas de recolha de dados, bloco de notas, máquina fotográfica, entre outros). Informações sobre como recolher os dados no local e debate sobre regras de segurança a ter em conta no percurso e espaço.

B - Ações a desenvolver durante a visita de estudo

Sugestão de alguns recursos didáticos/pedagógicos e instrumentais a serem utilizados na visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas, e que resultam do trabalho desenvolvido previamente com os alunos.

B.1. Realizar a visita de estudo ao Centro Museológico Artelinho – Viver a Tradição, em articulação com a Cooperativa Artelinho, de modo a que os alunos sejam recebidos por uma das artesãs (Figuras 5 e 6).

- Durante a visita construir registos de pormenores considerados relevantes, de modo a completar o portefólio de cada grupo de trabalho.
- Refletir na razão pela qual este centro “foi o resultado do esforço de um grupo de 40 mulheres”.
- Compreender os principais processos de fabrico de algumas das atividades culturais.
- Que outras atividades tradicionais da região poderiam estar igualmente representadas?



Figura 5. Visita ao Centro Museológico Artelinho – Viver a Tradição (Fonte: Câmara Municipal do Sardoal, 2016).



Figura 6. O linho já no tear. Centro Museológico Artelinho – Viver a Tradição (Fonte: Autores, 2019, com autorização do C. M. Artelinho).

B.2. Realizar a visita de estudo ao núcleo visitável de moinhos de vento tradicionais – Moinhos de

B - Ações a desenvolver durante a visita de estudo

Sugestão de alguns recursos didáticos/pedagógicos e instrumentais a serem utilizados na visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas, e que resultam do trabalho desenvolvido previamente com os alunos.

Vento de Entrevinhas (Figuras 7, 8 e 9).

- Durante a visita fazer registos de pormenores considerados relevantes, de modo a completar o portefólio de cada grupo de trabalho. Usar os instrumentos produzidos na fase anterior para a recolha de dados reais.



Figuras 7, 8 e 9. Moinhos de Vento de Entrevinhas. No interior: moenga (onde se colocava o grão), quelha (para conduzir o grão) e mó (Fonte: Autores, 2019, com autorização da Câmara Municipal do Sardoal).

C - Ações a desenvolver após a visita de estudo

Sugestão de algumas atividades que orientem os alunos a organizarem e a integrarem a aprendizagem efetuada antes e durante a visita, de modo a responderem à problemática de partida. Apresentar sugestões de índole metodológica e avaliadora das aprendizagens.

C.1. Reorganizar e completar a informação do portefólio com os contributos da visita.

C.2. Debater alguns aspetos, como por exemplo:

C.2.1. As velhas tradições poderão transformar-se em novas tradições?

C.2.2. A atividade artesanal é também criativa? Ou reproduz apenas os gestos?

C.2.3. De que modo se podem aproveitar os saberes e as técnicas para a economia da região? Pode a atividade artesanal ser uma atividade económica?

C.2.4. Que estratégias para a valorização dos produtos e dos saberes? Algumas propostas.

A este respeito, Pinto (2013) refere o seguinte: “não sendo um recurso estratégico, o artesanato do Sardão é contudo uma atividade de importância local para a economia familiar e, de algum modo, da freguesia de Alcaravela, sendo parte integrante do seu património cultural imaterial” (p. 70).

Fundada em 1989 por um grupo de quarenta mulheres da localidade, conta atualmente com sessenta. Além do gosto pela terra, foi a necessidade de contribuir para o rendimento familiar que agregou estas pessoas. Apesar das dificuldades, sobretudo ao nível da escoação dos produtos, a Artelinho mantém-se e é uma importante referência para a localidade, quer do ponto de vista social, quer do económico. (*idem*, pp. 70-71).

C.3. Realizar uma atividade prática de fabrico do pão, com discussão do processo de fermentação alcoólica envolvido. Pode consultar-se, por exemplo, alguns dos materiais disponíveis na página do projeto Ciência Viva:

- A cozinha é um laboratório – Como é produzido o pão?

(<<http://www.cienciaviva.pt/divulgacao/cozinha/questao1.asp>>).

- Micróbios úteis: o pão (<<http://www.cienciaviva.pt/projectos/pollen/>>)

- O pão (<<http://www.cienciaviva.pt/projectos/pollen/sessao6pao.pdf>>)

C.4. Realizar uma atividade prática/montagem para que os alunos compreendam o funcionamento de um moinho. Consultar, por exemplo, Providência (2013) – Como funciona um moinho? – com explicação da construção de um modelo de um moinho de vento e de um moinho de água de roda vertical.

C.5. Tratar os dados recolhidos durante a visita para poder caracterizar geometricamente cada uma das componentes do moinho.

C.6. Montagem de uma exposição final para a comunidade educativa com mostra de trabalhos desenvolvidos interdisciplinarmente, demonstrando soluções tecnológicas e sensibilidade artística e estética.

C.7. Conclusão do portefólio e discussão final da problemática da visita: Como preservar as artes e os ofícios tradicionais, as memórias dos gestos e dos saberes?

AVALIAÇÃO

1. Proporcionar a diversificação de momentos, tipos e instrumentos de avaliação mediante a intencionalidade das aprendizagens.

De acordo com as ações estratégicas de ensino orientadas para o Perfil dos alunos, proporcionar atividades formativas que possibilitem aos alunos, em todas as situações:

- Apreciar os seus desempenhos;
- Estabelecer relações intra e interdisciplinares;
- Saber questionar uma situação;
- Desenvolver ações de comunicação verbal e não verbal pluridirecional;
- Utilizar conhecimento para participar de forma adequada e resolver problemas em contextos diferenciados;
- Desenvolver tarefas de planificação, de revisão e de monitorização;
- Desenvolver tarefas de síntese;
- Elaborar planos gerais, esquemas e mapas conceptuais;
- Identificar pontos fracos e fortes das suas aprendizagens;
- Utilizar os dados da sua autoavaliação para se envolver na aprendizagem;
- Descrever as suas opções usadas durante a realização de uma tarefa ou abordagem de um problema.

2. Autoavaliação realizada pelo aluno sobre o desenvolvimento das atividades e competências mobilizadas em cada fase, as aprendizagens adquiridas, com espaço a críticas e sugestões.

3. Avaliação efetuada pelo professor do processo e produtos resultantes das aprendizagens do aluno no portefólio. Valorizar o trabalho de livre iniciativa, a participação em contexto sala de aula e na visita de estudo, incentivando a intervenção positiva no meio escolar e na comunidade.

4. Autoavaliação realizada pelo professor sobre a monitorização das atividades desenvolvidas, do processo de ensino/aprendizagem e da(s) resposta(s) às problemática(s) em cada guião da visita de estudo.

5. Após partilha da avaliação, debate e reflexão conjuntos entre professores envolvidos, alunos e outros intervenientes da comunidade escolar/educativa.

BIBLIOGRAFIA/WEBGRAFIA

- Alves, J. F. (2002). O Trabalho do Linho. In J. Mendes & I. Fernandes (Coord.), *Património e Indústria no Vale do Ave* (pp. 292-299). Vila Nova de Famalicão: Adrave.
- Baptista, A., Tibério, L., & Fonseca, C. (2008). Estratégias de valorização dos produtos tradicionais: o caso da região do Baixo Tâmega. In VII Colóquio Ibérico de Estudos Rurais. *Cultura, inovação e território*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro: Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento. Disponível em: <http://sper.pt/oldsite/actas7cier/PFD/Tema%20IV/4_1.pdf> (acesso em fevereiro de 2019).
- Cascão, R. (2011). À volta da mesa: sociabilidade e gastronomia. In J. Mattoso (dir.), *História da Vida Privada em Portugal. A Época Contemporânea*. s.l. [Lisboa]: Círculo de Leitores/Temas e Debates.
- Luís, S., & Figueira, L. (2017). Artesanato e Turismo: Artesanato, valorização e desenvolvimento. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 27/28, 349-355. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/rtd/article/view/6720/5241>> (acesso em fevereiro de 2019).
- MatrizPCI (2014). *Ficha de Património Imaterial: Feitura da Broa de Milho*. Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. Disponível em: <<http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/InventarioNacional/DetailheFicha/403?dirPesq=1>> (acesso em fevereiro de 2019).
- Pinto, A. (2013). *Produtos Turísticos - Instrumentos de Desenvolvimento Local: Caso de Estudo – Sardoaal*. Dissertação de Mestrado. Tomar: Escola Superior de Gestão de Tomar, Instituto Politécnico de Tomar.
- Providência, C. (2013). Como funcionam os moinhos? *Gazeta de física*, 35(2), 35-37.
- Sobral, J., & Rodrigues, P. (2013). O “fiel amigo”: o bacalhau e a identidade portuguesa. In *Etnográfica* [Online], vol. 17 (3) | 2013, Online desde 29 Outubro 2013. Disponível em: ><https://journals.openedition.org/etnografica/3252>> (acesso em fevereiro de 2019).
- Sobral, J. (2018). As leguminosas: da obscuridade à celebração. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 58, 193-201. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/34827/1/ICS_JSobral_As%20leguminosas_ART.pdf> (acesso em fevereiro de 2019).
- Turismo Sardoaal (2019a). *Centro Museológico Artelinho - Viver a Tradição*. Disponível em: <<http://turismo.cm-sardoaal.pt/index.php/outros-pontos-de-interesse/artelinho>> (acesso em fevereiro de 2019)
- Turismo Sardoaal (2019b). *Moinhos de Entrevinhas*. Disponível em: <<http://turismo.cm-sardoaal.pt/index.php/outros-pontos-de-interesse/parques-de-merendas/116-outros-pontos-de-interesse/291-moinhos-de-entrevinhas>> (acesso em março de 2019).

INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR

A cultura do linho – filme sobre todo o processo, desde a preparação da terra ao cultivo, recolha, espadelamento, lavagem, fiação, tecelagem e bordado (22 minutos), disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cSJbnushXX8> (acesso em fevereiro de 2019).

A linha do linho – “Vídeo sobre a montagem de um tear e tecelagem manual de uma manta de algodão e linho, no âmbito de uma recolha Etnográfica no ano de 1987” (11,55 minutos), disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=h16y5nAl-LI> (acesso em fevereiro de 2019).

Rota da cestaria e vime – filme em que se vê o processo de fabrico de alguns cestos (4 minutos), disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=e4Q0WWsblts> (acesso em fevereiro de 2019).

O vime: Documentário sobre cestaria – Ansião – filme em que se vê o fabrico de vários cestos de vime (11 minutos), disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cEaYFe4unkA> (acesso em fevereiro de 2019).

O pão – filme sobre todo o processo de fabrico da broa de milho (os primeiros 8 minutos). O vídeo continua com o cultivo do milho até à obtenção da farinha, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7T4e4xftbE> (acesso em fevereiro de 2019).

FICHA

Título: Guião Pedagógico – Sardool - Visita de Estudo ao Centro Museológico Artelinho – Viver a Tradição e Moinhos de Vento de Entrevinhas

Âmbito: Plano Estratégico de Desenvolvimento Intermunicipal da Educação no Médio Tejo (PEDIME) - Programa de Visitas de Estudo do Médio Tejo

Editor:

COMUNIDADE INTERMUNICIPAL DO MÉDIO TEJO
Município do Sardool

Organização:

Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa



Equipa:

Raquel Henriques (Org.)
Sílvia Ferreira
António Domingos
Rute Perdigão
Susana Gomes

Colaboração:

Centro Museológico Artelinho – Viver a Tradição (Alcaravela)

Data: abril de 2019